Insurgências de gênero e dysphoria de espécie: o devir-alienígena em Potyguara Bardo[1]

GENDER INSURGENCIES AND ESPECIES DYSPHORIA: the Becomin-Alien in Potyguara Bardo

Rose de Melo Rocha [2]
Thiago Tavares das Neves[3]
Vinhu Lacava[4]

Resumo: *O artigo analisa a construção estético-política da drag potiguar Potyguara Bardo, articulando artivismo, paródia e insurgência de gênero à noção de "disforia de espécie". Partindo do debate sobre alienígena como metáfora da alteridade e da necropolítica contemporânea, o estudo mobiliza referenciais de Butler, Haraway, Deleuze e Guattari, Preciado e Baudrillard para compreender a performer como corpo-ciborgue, rizomático e pós-humano. A partir da análise de músicas, videoclipes, performances e entrevistas, argumenta-se que sua estética alienígena e nordestina reterritorializa identidades estigmatizadas, produzindo uma subjetividade política encorpada. A teatralidade, entendida como prática de invenção e sobrevivência, converte marginalidade em potência criativa, instaurando regimes contra-hegemônicos de visibilidade e existência.*

Palavras-Chave: *Potyguara Bardo. Devir-Alienígena. Disforia de espécie.*

Abstract: *This article analyzes the aesthetic-political construction of the drag performer from Rio Grande do Norte, Potyguara Bardo, articulating artivism, parody, and gender insurgency with the notion of "species dysphoria." Drawing on debates surrounding the alien as a metaphor for alterity and contemporary necropolitics, the study mobilizes theoretical contributions by Butler, Haraway, Deleuze and Guattari, Preciado, and Baudrillard to understand the performer as a cyborg, rhizomatic, and posthuman body. Through the analysis of songs, music videos, performances, and interviews, it argues that her alien and Northeastern aesthetics reterritorialize stigmatized identities, producing an embodied political subjectivity. Theatricality, understood as a practice of invention and survival, transforms marginality into creative potency, thereby instituting counter-hegemonic regimes of visibility and existence.*

Keywords: *Potyguara Bardo. Devir. Becoming-alien. Species dysphoria.*

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gênero e Sexualidades. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

[2] Rose de Melo Rocha: Professora titular do PPGCOM-ESPM; ESPM, São Paulo (SP). , Doutora em Ciências da Comunicação (USP); pós-doutorado em Ciências Sociais (PUCSP), em Ciências Sociais, Infâncias e Juventudes (CLACSO) e em Gêneros e Secualidades (UFBA), líder do grupo de pesquisa Juvenália (ESPM). E-mail: rlmrocha@uol.com.br.

[3]Thiago Tavares das Neves: UFRN, CLACSO, integrante do grupo de pesquisas Juvenália (ESPM). Doutor em Ciências Sociais (PPGCS - UFRN), e-mail. nevesthiago@hotmail.com.

[4] Vyullheney Fernandes de Araujo Lacava: UFRN, integrante do grupo de pesquisas Juvenália (ESPM). Doutor e mestre em Ciências Sociais (PPGCS - UFRN), e-mail: vflacava@gmail.com.

1. Prólogo: são alienígenas as alteridades?

"Eles são reais, mas eu não os vi". A frase, enunciada em fevereiro de 2026 pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, dizia respeito a sua absoluta convicção a respeito da existência de alienígenas. A reação de Donald Trump, atual presidente estadunidense, foi, como de hábito, meteórica e abissal. Obama, acusado de "traidor" – estaria revelando verdades secretas e informações confidenciais apenas acessíveis à presidência do país –, minorou sua afirmação cabal. Argumentaria posteriormente que, do ponto de vista estatístico, a vastidão do universo tornaria plausível a existência de vida extraterrestre, mas descartou a hipótese de que nosso planeta tenha sido visitado por alienígenas.

Trump, ao que tudo indica, estaria preocupado em capitalizar o chá revelação no qual supostamente apresentará, como prometido em sua campanha eleitoral, tudo que se sabe acerca de alienígenas. É notório que o mesmo adorador de alienígenas vêm protagonizando uma verdadeira jornada de alienação, expropriação e desumanização de alteridades de outra ordem: deslocando-se do espaço sideral ao território nacional, o ódio aos migrantes é um pilar fundamental de sua gestão de mundo. Figura exemplar de uma mescla sombria entre necropolítica (Mbembe, 2018) e estetização/espetacularização da política (Benjamin, 1994; Debord, 1997), Trump encarna, de modo assustador, o que a lente visionária de Jean Baudrillard nomeava como sendo "a transparência do Mal" (Baudrillard, 1992).

Em sua reflexão sobre fenômenos extremos, Baudrillard nos aponta um paradoxo: as sociedades que expurgaram sua "parte maldita", personificando o Mal em figuras de alteridade (o Islã, os palestinos, os negros, as pessoas LGBTQIAPN+, os migrantes), são, ao mesmo tempo, aquelas nas quais "em nome da mais alta segurança, pode intalar-se um *terror endêmico*, uma obsessão de controle que chega a equivaler aos *perigos epidêmicos* da catástrofe." (Baudrillard, 1992, p. 112).

Nesse lance de dados, que escolhemos jogar para dar início à nossa escrita, nada se dá ao acaso. E aqui tecemos, ao sabor dos saberes das encruzilhadas (Rufino, 2019) uma primeira articulação, que nos informa sobre o quão crucial é considerar algumas das anunciações insuspeitas que provém da palavra "alienígena". Em sua etimologia, a palavra

tem origem no latim *alienigena*, formada pela união de *alienus* ("alheio", "estranho", "de fora", vindo de *alius*, "outro") e o sufixo *-gena* (da raiz *gignere*, "gerar", "nascido de"). Significa, literalmente, "nascido em outro lugar" ou "de origem estrangeira". Ou seja, apenas em seu desenrolar histórico a expressão deixa de significar algo como "forasteiro", ou o que se opõe ao autóctone, para, especialmente no século XX, ser adaptada para designar seres de outros planetas ou mundos (extraterrestres), popularizado pela ficção científica.

Na curiosa gramática trumpista uma disputa política subjaz os embates da linguagem: aos extraterrestres é associada a magia e o sedutor acesso ao inacessível; aos migrantes, a punição e o rechaço por sua extraterritorialidade, interditando-lhes acesso inclusive ao critério de humanidade. Nos parece significativo que o antropólogo Marc Augé (2006), aterrado com o que lhe parecia um processo irreversível e predatório de colonização de nossos imaginários individuais (e dos imaginários coletivos) pelo imperativo da representação midiática, tenha exemplificado a invasão sub-reptícia e a onipresença das imagens no cotidiano se utilizando de metáforas fílmicas.

Augé, em um exercício de etnoficção, se vale de películas hollywoodianas e séries de tevê para descrever cenas nas quais os invasores são alienígenas disfarçados de humanos, imbuídos da tarefa de nos dominar, seja pela expropriação de nossas emoções, seja através da manipulação da mídia e da propaganda.. O autor se vale dessas metáforas para problematizar uma guerra simbólica de implicações sociais e subjetivas profundas, na qual o excesso de informação, a superexposição midiática e a espetacularização transformam eventos reais em ficção, enquanto a ficção passa a imitar o real.

Não é mero acaso que outro pensador contemporâneo, Jean Baudrillard, tenha se convertido em um profeta do apocalipse. Ao mirar a conjunção entre o cenário midiático, a geopolítica mundial e a ordem do sensível que dali emergia, em especial no pós revolução tecnológica e na eleição de Saddam Hussein como inimigo número 1 da "Nação Americana", Baudrillard (2001) profetiza: os acontecimentos entraram em greve. "Os acontecimentos não vão mais longe que o seu sentido antecipado, a programação e a difusão", propõe o autor. "Apenas essa *greve dos acontecimentos* constitui uma verdadeira manifestação histórica, essa recusa de significar não importa o quê. " (Baudrillard, 2001, p. 38). Seria possível profanar

este regime de suspensão e de nonsense? Talvez, apenas, por meio de uma utopia alienígena das inversões, que emerge dos tristes e fabulosos trópicos.

2. Introdução: uma alienígena vive entre nós?

Brasil, meados de 2020. Cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, Brasil. Em 2018, a drag disruptiva[5] Potyguara Bardo lança seu primeiro álbum, "Simulacre"[6]. Em 2021, Potyguara ocupará a lista de drag queens com mais ouvintes mensais na plataforma Spotify em todo o mundo. No mesmo ano, a também potiguar Juliana Linhares lança "Nordeste Ficção"[7]. Valterlei Borges (2025) aponta que "o reino de Juliana Linhares é contemporâneo, sem hierarquia e dissidente daquilo que, inconscientemente, espera-se de um reino tradicional." Segundo Borges, "o cacto é utilizado como uma metáfora para representar a resistência e a adaptabilidade do povo nordestino diante das adversidades, sendo praticamente o personagem principal no desenvolvimento da trama na canção." (Borges, 2025, p. 19).

Neste entramado fenomênico, entrelaçado por artivismos de variadas ordens e permeado pelo "boom dos artivismos das dissidências sexuais e de gênero" (Colling, 2018), emerge uma estética reticular que a um só tempo aciona e rasura a territorialidade nordestina e as corporalidades juvenis que nela habitam. Linhares, com sua voz migrante[8], sintetizará, em nossa leitura, uma aposta artística e subjetiva *sui generis*. O Nordeste enquanto ficção soa não apenas como uma elegia "prefigurativa" (Sales et alii, 2020). Reside aí a perspectiva de conceber ao Nordeste como uma invenção/inversão – no senso comum marcado por estigmas e estereótipos –, desconfigurando-o ativa e protagonicamente para o recriar como potência estético-política plural, complexa e exuberante.

Potyguara Bardo, sujeita central de nossa escrita, parte desse solo reflexivo e o ultrapassa. Mesmo que igualmente mobilize fragmentos e fraturas da epiderme potiguar em suas performances e criações artísticas, ainda que, assim como Juliana, atravesse sua musicalidade tecnopop com marcadores muito claros de urbanidade e regionalidade, Poty direciona sua invenção a outros territórios: a seu próprio corpo e às possibilidades de subjetivação em contextos limítrofes, em que imperam o conservadorismo e os estigmas

[5] Dialogamos aqui com a perspectiva desenvolvida no livro **Disruptive Divas**. BURNS, Lori; LAFRANCE, Mélisse. **Disruptive Divas: Feminism, Identity and Popular Music**. New York: Routledge, 2001.
[6] https://www.youtube.com/watch?v=M9He1a1g5Jo
[7] https://www.youtube.com/watch?v=Gh8fUd7Yf6A
[8] Juliana viveu por mais de uma década na cidade do Rio de Janeiro, antes de se mudar para São Paulo..

identitários, bem como, em termos macro, ecoam a xenofobia e o reducionismo direcionada aos povos nordestinos.

Interessa-nos neste artigo refletir e problematizar esse lugar de liminaridade, muito expressivo já no modo de fazer (e se fazer) drag performado por Potyguara. Liminar é também o modo como a performatividade drag se configura em Poty como "brincadeira ontológica" (Preciado, 2014), embaralhando fronteiras da reconhecível normalidade. O preceito de Colling (2015), "que os outros sejam o normal", é exemplar do modo de ser e estar no mundo de Bardo.

Assim, mesmo reconhecendo que sua vivência, em suas palavras, como uma criança afeminada tenha afetado seus processos criativos, não nos propusemos a discutir a identidade de gênero ou a sexualidade de José Aquilino. Nosso foco é a persona Potyguara Bardo enquanto artivista multifacetada. Nos interessou apontar como o devir drag permite a Aquilino construir uma "subjetividade política encorpada" (Díaz e Alvarado, 2012) que é também uma estratégia de "supervivência" (Rocha, 2025) e uma matriz cultural e estética de existência. Nesse sentido, a arte funciona tanto como mediação de um existir possível quanto como expressão de um sensível contra-hegemônico. Em sua construção simbólica o fantasioso, o fantástico são territórios estéticos de proteção e amparo subjetivo. Potyguara não é uma drag qualquer, extrapolando as performatividades de gênero de divas drag como Pabllo Vittar ou Gloria Groove. Dialogando com os universos do fantástico, da ficção científica, do lisérgico e do anímico a artista se insere numa estirpe de drags latino-americanas, como a chilena Hija de Perra[9], que operam no registro do surreal e do monstruoso como chave expressiva.

Tendo essas considerações no horizonte, tomamos por inspiração na análise da performance e da produção artística de Potyguara dois norteadores reflexivos ancorados em Donna Haraway, a saber: de um lado, o corpo e a episteme ciborgue (Haraway, 2009); de outro, as lentes anímicas e orgânicas que sustentam sua proposição de "seguir com o problema" (Haraway, 2023). A ciborguização do devir-drag nos parece nuclear ao artivismo e à perlaboração autobiográfica que dá origem à estética híbrida e não-binária de Poty, a um só tempo futurista e ancestral. E o que seria seguir com o problema? Seria justamente recorrer a

[9] Sobre Hija de Peja ver **ROCHA, Rose de Melo; SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos.** Por entre secreções e excrementos: a performance da abjeção na monstruosidade de *Hija de Perra* (1980–2014). *[s.n.]*, [s.d.]. .

inspirações não-humanas, ou a outras parentalidades, como propõe Haraway (as mariposas, os corais, as ervas, o húmus), como último lugar possível para ficcionalizar uma futura sobrevida para o que entendemos por humanidade e por coletividade.

Nesse aspecto, o Nordeste Ficção, tão bem narrado e audiovisibilizado por Linhares (2021), encontra o imaginário fantástico de Potyguara. Invertendo radicalmente a ideia de normalidade, desmantelando o princípio de realidade, é uma viagem alucinógena que funda a trajetória da heroína Potyguara Bardo, tal como narrado na música "Simulacre - Cuisine des rêves" (Bardo, 2018), que faz um pedido em um restaurante e recebe, por engano, cogumelos mágicos.

Em termos metodológicos, nosso artigo toma por aporte empírico um vasto manancial de materialidades comunicacionais produzidas por Poty ao longo de sua carreira, aí incluídos shows, músicas, videoclipes e entrevistas que temos coletado, experienciado e analisado desde 2018, bem como se matiza pela participação de um dos autores do artigo em espaços comuns de convivência com a artista.

Desse modo, é importante esclarecer que nossa metanarrativa sobre as narrativas produzidas e performadas por Potyguara não resulta, neste artigo, em uma analítica segmentada ou setorizada. Isto significa dizer que também estivemos atentos aos espraiamentos do corpo cênico da drag, bem como a, por exemplo, letras de suas músicas, deixando-nos igualmente afetar pela cena local em que vivenciamos suas performances, sem qualificá-la hierarquicamente em relação aos núcleos narrativos que atravessam e ordenam seus videoclipes.

Com base em proposições expostas mais detidamente em outros de nossos estudos (Rocha, 2024), compreendemos os videoclipes da artista como textos da cultura que não se esgotam em um formato midiático de fruição restrito. Videoclipes são epicentros de uma produção artística tentacular, espraiada, intertextual e multissituada, que vive nas telas e as atravessa, que acontece concomitantemente nas redes, nas mídias e nas cidades. Pudemos deste modo problematizar alguns núcleos expressivos que emergem dos videoclipes – de sua linguagem, de sua cenografia, de sua sonoridade, discursividade e imagética – contextualizando-os em termos de narratividades contempladas pelos artivismos de gênero. Os campos ficcionais forjados nestes clipes sintetizam e mesclam linguagens do

entretenimento e da cultura pop, combinadas e tensionadas pela remissão direta a gêneros musicais, a vozes, corpos e imagens não exatamente palatáveis a audiências convencionais.

Está também referida nesta escrita a imersão sistemática das pessoas pesquisadoras junto ao universo audiovisual empírico, imprimindo à análise a consideração tanto de elementos estéticos e midiáticos próprios à linguagem audiovisual, quanto a leitura de dimensões subjetivas resultantes da interação produtores/produtos/audiências/analistas. O conjunto narrativo contemplado em nossa análise, não deixa de participar do que Soares (2013) nomeia como sendo as "estratégias de endereçamento" de produtos audiovisuais da cultura pop. No caso de Potyguara, é fundamental destacar que tais endereçamentos podem funcionar em diferentes platôs, devido à plasticidade e pluralidade que caracteriza sua teatralidade e espectro narrativo.

As narrativas produzidas por artistas vinculados à música queer não se restringem aos produtos fonográficos ou audiovisuais. Elas se expandem por meio de shows, debates, redes sociais e interações com públicos diversos, configurando ecossistemas discursivos complexos (Rocha, 2024). No caso em análise, entrevistas, performances e letras constituem dispositivos de circulação de uma ficção potiguar/indígena que tensiona representações midiáticas estereotípicas.

Inspirados na defesa do conhecimento situado proposta por Donna Haraway (1995), compreendemos esta análise como exercício de saber corporificado, atento às condições históricas e materiais de produção da obra. Assim, mais do que definir identitariamente a artista, interessa-nos examinar os modos pelos quais suas performances e composições reconfiguram regimes de visibilidade, articulando sonoridades nordestinas, estética futurista e crítica às convenções do pop hegemônico.

3. Artivismos e vivências limítrofes: a criação como cura

A emergência de Potyguara Bardo no cenário artístico brasileiro representa um fenômeno singular de articulação entre estética, política e subjetividade, tornando-se um campo fértil para a análise crítica dos modos contemporâneos de resistência e (re)criação identitária. Potyguara, drag queen alienígena, transita entre a tradição nordestina, o experimentalismo pop e o universo queer, forjando uma trajetória que desestabiliza categorias

fixas e desafia normatividades estruturais. Sua obra, atravessada por elementos de ficcionalidade regional, psicodelia e espiritualidade, oferece um terreno privilegiado para a investigação do artivismo musical, da paródia de gênero e da teatralidade como estratégias de reinvenção do corpo e do sujeito.

Essa persona artística foi elaborada pelo ariano José Aquilino Araújo (nascido em 20 de abril de 1995), cantor, ator, compositor, roteirista, maquiador e diretor audiovisual, que interrompeu a graduação em Tecnologia da Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para investir na consolidação de seu projeto estético-político. Potyguara emerge como resultado de uma confluência de experiências pessoais, referenciais culturais e inquietações subjetivas, ambas perpassadas por situações limítrofes: a rejeição, os estigmas sociais, a dificuldade de estabelecer relações de amorosidade e reciprocidade. A narrativa autobiográfica, presente em entrevistas e composições, revela a gênese de uma subjetividade marcada pelo deslocamento, pelo estranhamento e pela busca de pertencimento, aceitação e acolhimento.

Segundo Poty, desde a infância, a performance diante do espelho e o desejo de cantar eram atravessados por tensões em torno de ser percebida como uma criança afeminada e da repressão social daí resultante, elementos que, mais tarde, seriam ressignificados na criação de Potyguara como potência artística e política. O nome “Potyguara” homenageia o povo indígena originário do litoral nordestino, evocando a consciência territorial e a resistência cultural, enquanto “Bardo” remete à liminaridade e à travessia entre mundos, conceito extraído do **Livro Tibetano dos Mortos** e das experiências lisérgicas de Timothy Leary, e ressignificado como metáfora da mutação identitária e da experiência psicodélica.

No plano estético, observa-se a elaboração de uma ambiência ficcional que articula territorialidade (Nordeste/Potiguar) e extraterritorialidade. Elementos ligados ao imaginário alienígena, à psicodelia e a figuras liminares convivem com referências culturais regionais. O termo “bardo” é assim ressignificado como categoria que evoca estados de transição e liminaridade (Bardo, 2018), operando como matriz poética recorrente em letras, videoclipes e performances.

A dimensão territorial e étnica comparece de modo explícito em entrevistas e declarações públicas, nas quais a artista, ao associar seu nome aos povos Potiguara, enfatiza a persistência de processos coloniais de apagamento cultural (Bardo, 2021). Tais enunciados indicam a construção de uma narrativa identitária que articula memória, resistência e reapropriação simbólica.

Nessa direção, argumentamos que a artista não pode ser circunscrita a categorias fixas, inclusive àquelas relativas à performatividade drag. Sua construção subjetiva opera na lógica do trânsito e do devir, aproximando-se de um experimentalismo transidentitário e processual. Os "bardos", nesse contexto, podem ser analisados como dispositivos ficcionais de invenção de si, configurando espaços simbólicos de re-existência e de elaboração de experiências traumáticas. Ao tensionar representações cristalizadas do Nordeste e articular referências do pop, sonoridades regionais e do experimentalismo radical, a obra em questão instaura um campo de disputa simbólica e de reinvenção territorial.

Em sua produção artística, Potyguara Bardo constroi bardos e narrativas de re-existência ao criar territórios ficcionais que possibilitam a reinvenção de experiências traumáticas e a elaboração de novas subjetividades. Seu trabalho pode ser compreendido à luz de referenciais teóricos como os de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente a partir de conceitos como "máquinas desejantes" e "rizoma", que ajudam a pensar as múltiplas camadas expressivas presentes em sua obra.

Nessa perspectiva, sua subjetividade efetivamente assume um caráter rizomático, transcendendo categorizações fixas — como drag ou trans, homem ou mulher, regional ou global — ao apostar no experimentalismo e no trânsito identitário em sua gênese insurgente e artivista, tanto como prática de criação como quanto política de existência.

4. Um Oásis Ontológico-artístico

A problematização da ontologia do sujeito e a hipótese da realidade como construção simulada são recorrentes na produção artística de Potyguara.. A artista ganhou projeção nacional com o lançamento do álbum "Simulacre" (2018), desenvolvido no âmbito do projeto Incubadora do selo DoSol. O disco articula referências à psicodelia, ao misticismo e à fabulação fantástica, organizadas em torno de uma narrativa de caráter autobiográfico que

mobiliza temas como desejo, trauma, transcendência e dissolução do ego. Metáforas culinárias associadas ao consumo de cogumelos psicoativos estruturam simbolicamente um percurso de transformação subjetiva e transcendência pessoal.

Em 2019, a artista lançou "Oásis", canção que ampliou significativamente sua visibilidade, alcançando milhões de visualizações em plataformas digitais e recebendo o título de "Música do Ano" no Prêmio Hangar de Música. A faixa consolidou sua inserção no circuito do pop alternativo brasileiro e sua circulação em playlists de alcance internacional, tornando-se um ícone para boa parte de seu público. Já "Você não existe" (2018) pode ser compreendida como peça-chave do projeto estético-filosófico do álbum *Simulacre*, ao tematizar a dissolução do sujeito e suas implicações políticas, especialmente no que concerne à crítica das normatividades e opressões identitárias.

Após um período de menor exposição midiática, Potyguara Bardo lançou, em maio de 2025, o álbum *Romântica*, que explicita um diálogo mais direto com matrizes sonoras do Nordeste brasileiro. O trabalho inclui parcerias com Getúlio Abelha, artista associado à cena musical de Fortaleza e reconhecido por releituras e experimentações no campo do forró. Em faixas como "A mina", observa-se a incorporação de elementos rítmicos e harmônicos vinculados a esse gênero, articulados a texturas eletrônicas e à estética do tecnobrega. A imagem de capa do single sugere uma composição visual que remete alegoricamente ao mito da caverna, ao posicionar as figuras em contraste com uma paisagem externa, tensionando interioridade e exterioridade, ilusão e realidade.

As teatralidades mobilizadas por Potyguara são percebidas enquanto prática artivista, entendendo-as como dispositivos de paródia e insurreição de gênero e de experimentação corporal que tensionam dicotomias como natureza/cultura e humano/alienígena. O "devir drag" da artista opera por meio de uma estética tecnofuturista que adota a mutação como metáfora estruturante. Tal perspectiva dialoga com a noção de performatividade de gênero formulada por Judith Butler (2016), segundo a qual as identidades de gênero resultam da repetição regulada de atos, gestos e encenações socialmente normatizados. Ao mesmo tempo, em consonância com a concepção de poder e resistência propostas por Michel Foucault (1979) e com as contribuições de Eve Kosofsky Sedgwick (2003), reconhece-se que tais normatividades são atravessadas por fissuras e possibilidades de subversão.

A estética de Potyguara — marcada por orelhas pontiagudas, indumentárias metalizadas, paletas neon e referências a imaginários élficos ou fantásticos — produz um efeito de estranhamento que desloca expectativas associadas a performances de gênero normativas. Esse "corpo alienígena" pode ser interpretado como estratégia crítica: ao exacerbar traços considerados desviantes ou monstruosos, a artista reinscreve o abjeto como potência política. Nesse sentido, sua performance aproxima-se de uma linhagem artivista latino-americana que toma o corpo e as representações midiáticas como superfície de contestação, convertendo-os em território de disputa e desestabilização.

A noção de persona, aqui sugerida, distancia-se de arcabouços mercadológicos e se refere à composição estético-musical que emerge da articulação entre corpo, sonoridade e cena urbana. Trata-se de um dispositivo relacional que se constitui na interação com públicos, coletivos e outras artistas da noite, produzindo micropolíticas de visibilidade e pertencimento. A atuação de Potyguara como "mãe drag" evidencia essa dimensão pedagógica e agregadora, ao fomentar redes de criação e apoio que ampliam as possibilidades de existência para sujeitos dissidentes.

Potyguara Bardo apresenta-se, portanto, como um "corpo fora do lugar": uma drag queen nordestina que tensiona simultaneamente estereótipos regionais, normas de gênero e expectativas da indústria musical. A figura do "alienígena", recorrente em sua autoinscrição estética, pode ser interpretada como metáfora da inadequação social experimentada por sujeitos dissidentes. Ao converter essa inadequação em linguagem artística, a performer transforma a marginalidade em vetor de criação e intervenção política.

5. Paródia e Insurgência de Gênero em Potyguara

A performance de Potyguara Bardo pode ser inscrita, em um primeiro momento, no campo da paródia de gênero, conceito desenvolvido a partir da teoria da performatividade de Judith Butler. Butler (2016) argumenta que o gênero não é uma essência natural, mas um efeito reiterativo de atos performativos, continuamente regulados e pelas normas sociais. A paródia, nesse contexto, constitui uma estratégia crítica que desestabiliza as fronteiras entre masculino e feminino, expondo a artificialidade dos papéis de gênero e tornando visível a sua dimensão política.

A artista representa uma potente manifestação de paródia de gênero, não apenas enquanto linguagem estética, mas como estratégia crítica de subversão das normas de gênero e sexualidade. Inspirada pela tradição da drag queen, sua performance desconstrói a ideia de uma identidade de gênero "natural" ao adotar uma visualidade exagerada, teatral e mitológica, evidenciando que o gênero é, como propõe Judith Butler, uma performance repetitiva e culturalmente construída. Em Potyguara, a androginia é encenada de modo exagerado, carnavalesco e mitológico, num gesto que conjuga ironia, afeto e crítica social. Sua performance visa a criação de uma ficção performada que desafia a binariedade e a naturalização dos corpos.

Potyguara não simula a feminilidade, como o fazem outras drags, mas propõe algo híbrido, misturando elementos do folclore nordestino, do realismo fantástico, da cultura pop e da estética queer. Essa mixagem gera uma paródia que não é apenas cômica ou burlesca, mas profundamente política e poética. Ao distorcer os signos tradicionais de "homem/mulher, nordestino/nordestina", de "artista regional" ou do "corpo ideal", ela revela como essas imagens são convenções que podem — e devem — ser questionadas.

O álbum *Simulacre* (2019) simboliza essa proposta. A escolha do termo, que remete aos simulacros de Baudrillard, ecoa a ideia de que as identidades são cópias sem original, ou seja, todas as performances de gênero são imitações de imitações, sem uma essência fixa. Potyguara, ao performar o gênero de forma lúdica e crítica, parodia não apenas a feminilidade, mas a própria ideia de identidade estável. Portanto, Potyguara Bardo encarna a paródia de gênero como ferramenta de liberdade, de invenção e de crítica social. Sua arte nos convida a rir, sonhar e pensar: e se o que tomamos por “real” for apenas uma performance bem ensaiada?

Em Potyguara, a paródia de gênero é radicalizada em insurgência estético-política. Inspirando-se em Haraway (2009), propomos uma leitura de Potyguara como corpo-ciborgue: organismo híbrido que transita entre humano, performático e tecnológico, desafiando limites entre natureza, cultura e máquina. O conhecimento sobre a artista é situado e corporificado, emergindo de experiências performativas, audiovisuais e musicais, em diálogo com tecnologias, redes sociais e cenas urbanas.

Ainda que Butler não utilize explicitamente o termo "insurgência de gênero", podemos entender que a insurgência de gênero é uma radicalização da paródia de gênero. A insurgência de gênero envolve uma ação política mais ampla e mais intensa, que busca desestabilizar as normas de gênero e criar novas possibilidades de existência. Em outras palavras, a insurgência de gênero trata-se de uma política de desobediência, de uma recusa a se conformar às categorias de gênero estabelecidas, criando espaços de resistência e de experimentação, onde as identidades possam ser vividas de forma mais fluida e autônoma. Butler defende que a paródia de gênero pode ser uma forma de insurgência, pois pode ajudar a desestabilizar as normas de gênero e criar espaços para a ação política. No entanto, a insurgência de gênero vai além da paródia, pois envolve uma crítica mais profunda às estruturas de poder e uma busca por transformação social mais ampla.

6. Bardos, Rizomas e Devir Alienígena

Bardos, estranhamento, rejeição, insurreição, psicodelia, nordestinidade e pertencimento potiguar constituem eixos conceituais que estruturam o campo semântico e existencial de Potyguara Bardo. Dialogando novamente com Deleuze e Guattari (Mil Platôs, 1995; O Anti-Édipo, 1972/2014), sugerimos que a obra de Potyguara se organiza em múltiplos platôs ou planos de subjetivação: rizomáticos, desterritorializados e anti-canônicos. Os bardos funcionam como “máquinas desejantes”, territórios de invenção de si que desestabilizam fronteiras normativas a partir de um experimentalismo drag, trans-espécie e tecnopop. As múltiplas expressões artísticas de Potyguara (música, audiovisual, performance) produzem multiplicidades que desafiam categorização e reterritorializam a nordestidade, construindo uma narrativa anti-hegemônica do Nordeste e das subjetividades queer.

Tais processos podem ser associados à proposição dos autores de uma concepção produtiva do inconsciente, compreendido como instância de produção — e não de mera representação — e desenvolvem a noção de “máquinas desejantes”, enfatizando o caráter criativo e processual do desejo. A perspectiva das multiplicidades, central em **Mil Platôs,** sustenta uma compreensão não totalizante da subjetividade, afastando-se de modelos unitários e hierárquicos. O conceito de rizoma, por sua vez, oferece uma chave interpretativa que privilegia conexões, rupturas e reterritorializações. Tal enquadramento teórico permite

compreender a produção estética de Potyguara Bardo como prática rizomática, marcada por deslocamentos, hibridizações e fraturas identitárias.

Nesse aspecto, chama atenção a sinergia entre o devir-alienígena de Poty e algumas das postulações de Paul Preciado acerca da contrassexualidade (2014), em especial quando articula contextos sexuais e delimitações espaço-temporais, determinando que "a arquitetura é política". Assim, "voltamos a encontrar essa gestão do espaço em um nível corporal", resultando que "a arquitetura do corpo é política". (Preciado, 2014, p.31).

A crítica aos essencialismos identitários - e não o rechaço às lutas identitárias - , presente em algumas vertentes da teoria queer, encontra ressonância na obra de Potyguara Bardo. Sua subjetividade é composta por atravessamentos, mutações e experimentações, recusando a fixação em uma identidade estável ou em um gênero "verdadeiro". O conceito de rizoma é particularmente fecundo para pensar a multiplicidade de linhas, conexões e deslocamentos que atravessam a subjetividade de Potyguara.

O rizoma é uma estrutura não hierárquica, aberta, que privilegia a heterogeneidade e a conexão, em oposição à lógica do arbóreo, da unidade e da essência. Potyguara, ao transitar entre o pop, o experimental, o regional e o alienígena, opera uma retirritorialização da nordestinidade, inscrevendo-a em um espaço de tensionamento e diálogo com as influências globais. Sua arte se constitui como máquina desejante, produtora de novos modos de existência e de resistência, atualizando as discussões deleuzianas sobre desejo, subjetivação e produção de realidades.

A estética alienígena, que articulamos a essa subjetivação rizomática, é uma linguagem artística que evoca o estranho, o não humano, o pós-humano ou o extra-humano, o pós-gênero para problematizar normas de identidade restritivas e assimétricas acerca de gênero, etnia/racialidade e sexualidade; romper com a lógica do "natural" e do "normal" permite, assim, imaginar outros corpos, outras formas de vida e de existência. Essa estética é comum em obras afrofuturistas, queer futuristas, e na arte drag experimental, e se manifesta por meio de expressões visuais não convencionais (maquiagem, figurinos, corpos modificados); sonoridades incomuns ou futuristas; narrativas místicas, cósmicas ou transdimensionais; discursos de transformação, mutação ou transcendência.

No caso de Potyguara Bardo, a estética alienígena se manifesta como uma estratégia queer e ficcionalmente nordestina de criação de um corpo simbólico que escapa das categorias binárias e de marcadores identitários estigmatizantes, tanto de gênero quanto de regionalismo. Visualmente, Potyguara constrói uma persona com: maquiagens exageradas, cores metálicas ou surreais; elementos místicos e xamânicos combinados com referências pop; roupas que mesclam o tradicional e o futurista. Musicalmente, utiliza-se de batidas eletrônicas atmosféricas, que soam "espaciais"; vocais distorcidos ou etéreos; arranjos que fogem da linearidade pop tradicional. Seu corpo performático desafia a naturalização do gênero, com a presença de um “eu” múltiplo: bicho, entidade, estrela, orixá, alien, com a emulação deu uma identidade não domesticável, não traduzível por categorias normativas.

Assim, situar Potyguara em um devir "alienígena" não é reduzi-la à ficção científica, mas sim reconhecer o uso do "estranho" e das combinatórias improváveis como ferramenta crítica — como uma autoimagem queer de resistência e autonomia.

7. Teatralidades e Corporeidades: Ante Sala para Caracterizar uma Dysphoria de Espécie

A palavra teatralidade vem do latim *theatrum*, que remete ao lugar de ver, e ao grego *theatron* (θέατρον). Inicialmente, *teatralidade* referia-se a tudo que dizia respeito ao teatro enquanto forma artística — encenação, representação, palco, personagem, roteiro etc. Na Europa moderna, especialmente no século XVIII, o termo começa a ser usado para caracterizar certos exageros, artifícios ou comportamentos performáticos fora do palco. A teatralidade era vista muitas vezes como algo não autêntico, fingido, ligado à aparência e à forma. A partir do século XX, teóricos como Antonin Artaud, Bertolt Brecht, Tadeusz Kantor e Richard Schechner começam a tratar a teatralidade não só como algo ligado ao palco, mas como uma dimensão presente em toda forma de comunicação humana.

Richard Schechner (1977), um dos fundadores dos *performance studies*, aborda a teatralidade como um modo de comportamento que pode ocorrer dentro e fora do teatro. Ele diz que *toda performance é restauração de comportamento*, ou seja, encenação de ações sociais repetidas. Judith Butler influencia-se fortemente pela noção de performance e teatralidade. Para Butler (2016), gênero é uma performance teatralizada, ou seja, é encenado

repetidamente no corpo e no comportamento.. Aqui, a teatralidade se torna ferramenta de análise para entender como identidades são encenadas, reguladas e também subvertidas.

Atualmente, o conceito é usado para descrever: a dimensão performática da vida cotidiana (Goffman, 1980); a forma como o corpo representa papéis sociais; os modos como se encena o gênero, a sexualidade, a raça; estratégias estéticas de artistas como Potyguara Bardo, que usam teatralidade para criticar normas culturais. A teatralidade de Potyguara Bardo articula paródia de gênero, artivismo e mutação identitária. Seu corpo, estetizado como alienígena, transita entre masculino, feminino e pós-gênero, desafiando normas heteronormativas e heterossexuais compulsórias (Butler, 2016).

Poty utiliza performances onde o corpo torna-se materialidade cênica, atravessando limites da "normalidade" ou "naturalidade", em diálogo com estudos sobre corporeidade, monstruosidade e iconofagia (Kroker & Cook, 1988; Rocha e Santos, 2022). Elementos de sua estética incluem: orelhas pontiagudas, chapéus e vestes futuristas; cores neon, fios de cabelo em tons roxo, lilás e branco polar; referências ao universo élfico e psicodélico; corpo como território e persona expandida (Haraway, 2009a). A criação de personas envolve a cena noturna, performances ao vivo e interação com fãs, funcionando como corpo coletivo expandido, multiplicando possibilidades de existir e se afirmar identitária e culturalmente.

A teatralidade, enquanto categoria analítica, se apresenta em Potyguara Bardo tanto como linguagem estética quanto como modo de existência. A artista encena uma teatralidade atravessada pela mutação, pela ambiguidade e pelo hibridismo, mobilizando referências que vão do folclore nordestino à cultura pop global, do misticismo ao tecnofuturismo. A estética alienígena, manifestada em maquiagens, figurinos e sonoridades não convencionais, é acionada como estratégia de deslocamento do olhar normativo, instaurando uma alteridade radical que recusa o binarismo de gênero e de regionalidade.

Potyguara cria um corpo simbólico que é, ao mesmo tempo, humano, bicho, entidade, estrela, orixá, alien, encarnando a multiplicidade rizomática proposta por Deleuze e Guattari. A teatralidade, nesse sentido, não se reduz ao palco, mas permeia a vida cotidiana, a circulação urbana, as redes digitais e as interações afetivas, tornando-se ferramenta de crítica, invenção e expansão subjetiva.

Ao trazer para seu universo semântico-existencial, ou não-existencial, elementos psicodélicos, élficos, indígenas (ao falar de sua ancestralidade), alienígenas, de forma híbrida, ela implanta com sua estética, sonoridades, audiovisualidades, performances, um outro

regime de saber, proveniente de uma nova ordem imagético-política. Uma ordem de caráter disfórico.

A disforia é compreendida aqui de maneira ressemantizada, não mais no campo dos transtornos psíquicos, dos discursos patologizantes, mas como outras formas de vida, de saber, de conhecer, de ser no mundo. A etimologia da palavra vem do grego *dysphoria,* que significa 'desconforto' ou 'mal-estar'. Formada pela junção do prefixo *dys* – (mal, difícil, doente) e *phoreol phoros* (suportar, carregar, levar), a disforia transmite uma ideia de angústia, inadequação, tristeza e disformidade.

A categoria "disforia" é incorporada à psicologia e à psiquiatria em meados do século XX. Os transtornos de personalidade, a bipolaridade e a depressão são classificados como "disforia"; eis que, em 1973, surge a expressão "disforia de gênero", incorporada ao discurso médico por Norman Fisk e transformada em prática clínica pelo Dr. Harry Benjamin. A ideia de disforia de gênero é tributária do modelo ontológico binário que fixa "distinções convencionais e socialmente normativas entre masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade, às quais acrescenta a diferença entre a anatomia e a psicologia" (Preciado, 2023, p.24).

Para Preciado (2023), a disforia é uma condição de vida em que categorias como natural, binariedade e essência estão entrando em colapso. O autor procura despatologizar o conceito, ampliá-lo, ressemantizá-lo e migrá-lo para a escala mundial, ao defender que não são mais os corpos trans que estão enfermos, mas o sistema capitalista-petrossexorracial[10] que produz disforia ao tentar encaixar a vida em binarismos que não cabem mais na realidade contemporânea. A disforia passa a ser compreendida como força, potência, no sentido spinozista do termo[11] e o incômodo que a disforia patologizante traz é usina produtora de outras subjetividades.

[10] Petrossexorracial é o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa para a totalidade do planeta. A infraestrutura epistêmica dessas tecnologias de governo é a classificação social dos seres vivos de acordo com taxonomias cientificas modernas de espécie, raça, sexo e sexualidade. Essas categorias binárias serviram para deslegitimar a destruição do ecossistema e a dominação de certos corpos sobre os outros. (Preciado, 2023, p. 42)

[11] A potência para Spinoza está relacionada com a força de um afeto, é algo que o indivíduo possui. As pessoas possuem potências distintas. A capacidade de existir é potência, viver é ter potência, morrer é perda de potência. O homem pode ser compreendido como potência, pois ele tem o poder de criar, produzir e agir. Potência é positividade, afirmação, poder de existir. (Neves, 2021).

Potyguara, ao acionar diferentes subjetividades (élfica, potiguar, nordestina, lisérgica, ciborgue, alienígena) e uma iconografia anti-especista e anímica produz uma disforia de espécie. Se por tantas vezes se negou a minorias e alteridades o pertencimento à categoria de humanidade, o artivismo de Potyguara propõe uma inversão. A exclusão voluntária do que se entende por "espécie humana" é um recurso ativo de subjetivação. Sejamos alienígenas, sugere Potyguara, performemos em outras identidades, não-humanas, ativando potência de outras ordens.Uma disforia de espécie advém do campo da supervivência, na qual sua teatralidade e seu devir-alienígena frutificam:

> Meu lindo casulo protege de tudo ao redor, meu duro casulo digere a mim com alegria, quando eu for deixar meu casulo vou tá bem melhor, pois o meu casulo dissolve e depois me recria. (...) Aê aê aê aê aê eu vou me proteger, voltar pro meu casulo para me refazer (Ai ai ai ai), Aê aê aê aê aê eu vou me transformar, cansei de ser largada agora eu vou voar (Bardo, 2025).

O casulo, ao dissolver o "eu" de Potyguara, a recria, em uma mutação da drag potiguar em um além corpo, de outra espécie. É a metamorfose da criação que transforma a lagarta em borboleta e voa, como trata o trecho da canção "Casulo" citada anteriormente. O casulo é proteção e transformação, potência, força e também disforia. A disforia de espécie que atribuímos a Potyguara está relacionada com a ideia de pós-humano, sugerindo que a transcendência das normatividades de gênero envolve não apenas meios sociais e políticos, mas seria complementada e completada por meios tecnológicos, que diminuam essas diferenças (Dvorsky; Hughes, 2008).

A perspectiva do pós-humano e do pós-gênero frequentemente mobiliza a figura do 'monstro' ou do 'alienígena' para representar identidades que a sociedade não consegue ou não deseja nomear. Há uma implosão das categorias binárias de masculino/feminino e a criação de algo novo, um devir mutante, assim como a drag Potyguara, que do "casulo" torna-se outra coisa, de espécie distinta, não humana, prostética, artificial, alienígena. Potyguara joga com as questões de gênero através de sua personagem, seu corpo ciborgue é portador de tecnologias que vão além do corpo, são extensões corpóreas no seu processo de "montação". Suas orelhas élficas são um claro exemplo de apropriação prostética. O ciborgue é compreendido aqui como um ser híbrido de máquina e organismo, uma criatura do mundo

pós-humano (Haraway, 2009). Assim é a drag potiguar, híbrida, mistura do humano com o não humano, de carne com elementos fantásticos e fantasiosos que compõem sua personagem.

Nas letras de suas músicas e em vários de seus videoclipes há uma desconstrução do eu, ou, para sermos mais precisos, uma desestabilização do ego. As letras de suas canções são focadas em autoconhecimento e na transcendência, temas nucleares do pós-gênero que têm como objetivo libertar o indivíduo de categorias sociais e culturais impostas, tácita ou explicitamente. A faixa "Você não existe", por exemplo, questiona a solidez do eu e as projeções que fazemos sobre o outro. No contexto da disforia de espécie, isso pode ser lido como a dissolução das identidades binárias em favor de uma existência subjetiva, espiritual, cósmica:

> Problemas se dissolvem no mar do infinito, ao se beber da água desse rio colorido, lidando com o passado, viro luz no espaço escuro, projeto os caminhos que se abrem pro futuro (que se abrem pro futuro). Você não existe, e eu também não. Tudo que tem nessa vida é fruto da imaginação, a realidade surge na nossa ligação, suas ideias emanam a luz de toda a criação (Bardo, 2018).

As orelhas pontudas de Potyguara, elemento constituinte de seu visual, inspirado em personagens como Polca do programa infanto-juvenil Castelo Rá-Tim-Bum (TV Cultura), retira a artista da categoria estrita de 'homem' ou 'mulher' para inseri-la em um arquétipo de ser místico híbrido e não-binário, criatura da natureza e da cultura. No videoclipe de 'Curupira' (Bardo, 2020), referência ao folclore brasileiro, há a criação de um 'corpo-entidade', onde a identidade de gênero e a forma física são entrelaçadas à terra, ao espiritual, e não a papéis sociais de gênero. Curupira é de outra espécie, personagem de pés invertidos, protetor da floresta, cabelos vermelhos e dentes verdes (em algumas versões).

Ao invocar personagens folclóricos e dialogar com sua persona alienígena, Potyguara pode ser compreendida sob a ótica metafórica do King Kong (Despentes, 2016), nem macho, nem fêmea, sem pênis, sem saco, sem seios, uma sexualidade que antecede os binarismos. Pós-gênero, monstruosa, ser que se encontra na encruzilhada entre o homem e o animal, o adulto e a criança, o bom e o mau, o selvagem e o civilizado. Híbrido, assim como o Curupira, performado por Potyguara.

A disforia de espécie de Potyguara é uma forma de artivismo que utiliza a expressão artística para desestabilizar normas de gênero, criando "novos universos" através da música e da performance. Em suma, a drag potiguar atualiza a disforia como potência artística que Preciado (2023) teoriza: uma forma de 'monstruosidade' que avança no vazio, gerando diferentes formas de existir para além da opressão do sistema de gênero.

> Entendi que a arte vem de um lugar acima da minha persona, acima do meu ego, acima de Potyguara e acima das crenças que me foram apresentadas. A divindade vem de algo além e, para mim, ela vem desse brilho e dessa vontade de viver e experimentar a realidade. É quase como uma sensação de ter escolhido passar por isso e sentir felicidade por estar aqui, por mais que às vezes seja difícil (Bardo, 2021).

8. Apontamentos finais

Potyguara Bardo é uma multiartista rizomática, uma drag performando um devir-alienígena, cuja obra articula paródia e insurgência de gênero, tangenciando, esteticamente, uma vida para além da espécie, pós-humana e tecno-anímica. Através dessa chave performativa, perspectiva-se táticas e estratégias de re-existência, com prefiguração de universos de supervivência e reinvenção de traumas. O território ficcional potiguar e a influência indígena são mobilizados e tensionados em uma gramática estético-existencial sui generis, resultando em um experimentalismo musical, audiovisual, mesclando de gênero e espécie, inclusivo de expressividades do pop, do tecnobrega, do forró e da psicodelia. Sua trajetória demonstra que a arte pode ser instrumento de transformação cultural e subjetivação, capaz de criar novas formas de existência, expressão e resistência, com a crítica às normatividades e a construção de subjetividades híbridas.

O artivismo musical de Potyguara Bardo opera como prática de dissidência e de invenção, articulando som, imagem, corpo e narrativa em uma política da presença. A artista explora as potencialidades das plataformas digitais, dos videoclipes e das redes sociais para construir visualidades e audiovisualidades que rompem com as gramáticas tradicionais da representação midiática.

A visibilidade do corpo dissidente, tematizada por Rose de Melo Rocha em vários de seus artigos, adquire centralidade como direito de existir e de ocupar espaços simbólicos e materiais. Não se trata apenas de resistência, mas de afirmação exuberante, lúdica e sensível,

na qual a festa, o gozo e a celebração se imbricam à crítica e à luta política. A trajetória de Potyguara revela a potência do artivismo musical em articular biografias, afetos e comunidades, criando vínculos de pertencimento e resistência para além das formas tradicionais de militância.

Em síntese, a trajetória e a obra de Potyguara Bardo oferecem contribuições decisivas para o debate contemporâneo sobre gênero, arte e política. Ao articular paródia de gênero, artivismo musical, teatralidade e subjetividade rizomática, Potyguara expande as fronteiras do possível e inaugura espaços de experimentação e liberdade. Sua arte, ancorada em referências como Butler, Deleuze, Guattari e Melo Rocha, revela a potência do corpo, da voz e da imagem como instrumentos de crítica social, invenção poética e afirmação existencial. Potyguara Bardo demonstra que a performance não é apenas representação, mas criação de mundos, convite à reinvenção e celebração da pluralidade dos modos de ser e estar no mundo.

A produção artística de Potyguara Bardo opera como prática estética e política de desestabilização de normatividades, propondo novas possibilidades de subjetivação e invertendo, de forma astuta, o que soava como rechaço. A teatralidade, entendida como prática de invenção e sobrevivência, converte marginalidade em potência criativa, instaurando regimes contra-hegemônicos de visibilidade e existência.

Atualiza-se assim uma perspectiva queer em chave contemporânea, agora incluindo os artivismos das dissidências, das existências trans, das não-binareidades, dos desertores de gênero. Por meio da articulação entre performance, música e visualidade, a artista elabora uma narrativa complexa que combina tradições regionais e circuitos globais, configurando um espaço de experimentação crítica e de afirmação de alteridades radicais.

Referências

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos**. Campinas: Papirus, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. Campinas: Papirus, 1992.

BARDO, Potyguara. Casulo. In: BARDO, Potyguara. **Comédia romântica**. [S. l.: s. n.], 2025. 1 faixa musical (2 min 40 s). Disponível em: https://youtu.be/TKQFcuPORuQ?si=5UEro84fTBJ36QaV. Acesso em: 20 fev. 2026.

POTYGUARA Bardo - **Curupira** (Clipe Oficial). Direção: Larinha Dantas. Produção: Rapport; Altafonte. Natal, 2020. 1 vídeo (3 min 12 s). Publicado pelo canal Potyguara Bardo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BHd-9flbBw4. Acesso em: 22 fev. 2026.

BARDO, Potyguara. Programa Xeque-Mate – Entrevista Potyguara Bardo (Parte 1). TVU, 23 nov. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bQ_HU9KXe5Y. Acesso em: 13 mar. 2025.

BARDO, Potyguara. Potyguara Bardo: o oásis de uma drag queen. Entrevista concedida a Letícia de Castro. Elástica, 2021. Disponível em: https://elastica.abril.com.br/especiais/potyguada-bardo-oasis-drag-queen-musica/. Acesso em: 17 fev. 2026.

BARDO, Potyguara. Você não existe. In: BARDO, Potyguara. **Simulacre**. Natal: Dosol, 2018. 1 faixa musical (3 min 12 s). Disponível em: https://youtu.be/t7XSWyHxMxk?si=QJ1SEZrP7YkPkekk. Acesso em: 20 fev. 2026.

BARDO, Potyguara. Simulacre. In: BARDO, Potyguara. **Simulacre**. Natal: Dosol, 2018. 1 faixa musical (2 min 53 s). Disponível em: https://youtu.be/Im39orA4iGI?si=XKWYmXMdAtX9jiom. Acesso em: 20 fev. 2026.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Valterlei. **Nordeste ficção:** Juliana Linhares e a (re)invenção do Nordeste brasileiro. Arte 21, v. 24, n. 1, p. 11–24, 2025. DOI: https://doi.org/10.62507/a21.v24i1.614.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EdUFBA, 2015.

COLLING, Leandro. **A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade**. Sala Preta, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 152–167, 2018. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v18i1p152-167. Disponível em: https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684. Acesso em: 21 fev. 2026.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DÍAZ GÓMEZ, Álvaro; ALVARADO SALGADO, Sara Victoria. **Subjetividad política encorpada**. *Revista Colombiana de Educación*, Bogotá, n. 63, p. 111–128, jul./dez. 2012. Universidad Pedagógica Nacional. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413635256007. Acesso em: 21 fev. 2026.

DVORSKY, George; HUGHES, James J. **Postgenderism:** beyond the gender binary. Institute for Ethics and Emerging Technologies, 2008. Disponível em: https://ieet.org/archive/IEET-03-Postgenderism.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 295 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1980.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33–118.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.

KROKER, Arthur; COOK, David. **The postmodern scene: excremental culture and hyper-aesthetics**. London: Macmillan, 1988.

LINHARES, Juliana; BARBOSA, Rafael. Nordeste ficção. In: LINHARES, Juliana. **Nordeste ficção**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 CD.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NEVES, Thiago Tavares das.. **O GRITO DA QUEBRADA** – A POTÊNCIA INTERSECCIONAL COMO ARMA NO MAINSTREAM. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática,* v. 20, n. 42, 2021. https://doi.org/10.5902/2175497740142.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

ROCHA, Rose de Melo. Juvenis supervivências: conceituando artivismo, re-existência e dissidência a partir de práticas artísticas e produções audiovisuais de jovens urbanos no Brasil. Projeto de Pesquisa. Bolsa Produtividade em Pesqisa CNPq. 2025.

ROCHA, Rose de Melo. Experimentalismo transfeminista e análise audiovisual implicada: nos entramados de Jup do Bairro. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, **n. 40**, p. 2–19, 2024. **ISSN** 1984-6487.

ROCHA, Rose de Melo; SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos. Por entre secreções e excrementos: a performance da abjeção na monstruosidade de Hija de Perra (1980-2014). **Imagofagia**, (24), p. 97-121, 2021.

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo; NEVES, Thiago Tavares das; SANTOS, Thiago Ribeiro. Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v.22, n.2, p. 91-102, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SALES, Andre Luis Leite de Figueiredo; FONTES, Flávio Fernandes; YASUI, Silvio; VIANNA, Eduardo. **Ativismo brasileiro, práticas prefigurativas e desenvolvimento:** o caso dos "ocupas" no estado de São Paulo. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 1–16, 2020.

SCHECHNER, Richard. **Essays on performance theory,** *1970–1976*. New York: Drama Book Specialists, 1977.

SEDBWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Tradução de Ana R. Luís e Fernando Matos Oliveira. Coimbra: Angelus Novus, 2003.